



Carnaval sem saída

Aturma gosta mais de concentrar do que de sair. Esse negócio de desfilar sempre foi difícil, ainda mais porque exige algum preparo físico, vira e mexe acaba em empurra-empurra e fica-se à mercê do pessoal que sai com o isopor pendurado vendendo cerveja pelo preço que quer. Sem falar no incômodo de ter que se virar para voltar, depois do ponto final.

Nos tempos dos blocos de sujo, ainda se saía por aí jogando água e farinha, fustigando os transeuntes, mas os dias atuais não recomendam tanta licenciosidade, até porque as interpretações andam à flor da pele. No estranho mundo de hoje, de costumes muitos mais permissivos que anos atrás, os assediadores e bulidores se tornaram mais violentos; e o desrespeito passa de qualquer limite.

Assim, a turma está brincando com mais moderação. Ou nem isso. Velho folião, Ceará ainda não brincou este ano. Ele, que abria os fevereiros com um colarzinho de havaiano no pescoço nos encontros com os amigos, sempre com o refrão de uma marchinha na ponta da língua, nem apareceu nos primeiros dias, mas nem se pode dizer que foi surpresa.

Desde que trocou o velho uísque de todo santo dia por um Campari com soda, Ceará passara a ser olhado com desconfiança. Não se faz uma troca dessa impunemente. Desde que eu descobri que a emblemática cor rubra do drinque vem de um corante de Conchonilla, que é um pequeno inseto escamo-



so e parasita, abandonei de vez o Campari.

A fórmula do Campari é um segredo comparável ao da Coca-Cola. Talvez maior que o da imponente dobra dos guardanapos Habsburgo, que é protegida como segredo de estado pelo governo da Áustria. Diz-se que só três pessoas conhecem o segredo do Campari, mas não faço questão de conhecer nenhuma delas.

Mas o Ceará continua gostando das velhas marchinhas, reminiscências de tempos mais saudáveis, e veio com a proposta de se fazer um carnaval fixo. “Não é parado. Mas não é para mexer muito”, disse. Está à procura de um bloco que não saia, mas ainda não encontrou nenhum neste carnaval, cada vez mais oficial, em que o governo tem que pagar para o folião poder brincar — sim, os blocos são subsidiados pelo dinheiro público.

Um dos pontos fixos do carnaval da cidade acontece hoje, a partir do fim da tarde, no Grao, o bar da Baixinha, no último comércio da pista do Lago Norte, quando músicos amadores se reúnem, sem ensaio, sem roteiro, mas com muita diversão, tocam e cantam a valer. De lá, ninguém sai. Não tem estandarte, abre alas ou qualquer espécie de limitação.

Um dos frequentadores do lugar é Fernando Lopes, que nos primeiros anos dos carnavais de Brasília rivalizava com José Lourenço, lançando marchinhas brasilienses nos salões. Foram sucessos como *Jorginho Bossa Nova*, *Xarará Sinfrônio* e *Mulher, Só Feia*, que eram cantados no meio das marchinhas mais tradicionais e mostravam que os candangos também eram bons de folia. Mas hoje Fernando prefere cantar boleros; para disfarçar, diz que esqueceu as letras das marchinhas.